

# PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE LICENCIATURAS SOBRE VOZ E ENSINO

## TEACHERS' PERCEPTIONS ABOUT VOICE AND TEACHING

Janice Westphal Román Nappi<sup>1</sup>

Walter Antônio Bazzo<sup>2</sup>

Vivian Leyser<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Educação Científica e Tecnológica – PPGET/ UFSC, [nicenappi@gmail.com](mailto:nicenappi@gmail.com)

<sup>2</sup>Departamento de Engenharia Mecânica – EMC/ UFSC, [wbazzo@emc.ufsc.br](mailto:wbazzo@emc.ufsc.br)

<sup>3</sup>Departamento de Biologia Celular, Embriologia e Genética – CCB/ UFSC, [vivian@ced.ufsc.br](mailto:vivian@ced.ufsc.br)

### Resumo

Na voz, estaria a possibilidade de: ficar comprometida a estrutura de uma aula (quando a voz faltar ou falhar); modificar a forma de um professor ministrar sua aula (pelo uso de entonações e pausas, por exemplo); evidenciar uma relação com Ciência e Tecnologia (reflexão sobre sua função no ensino, inclusive entendendo a voz como uma tecnologia à serviço); e ainda, associar esta às questões de ensino-aprendizagem (construção de conhecimento nas interações pedagógicas). No contexto de uma pesquisa de Mestrado, foram escutados professores universitários das licenciaturas de Física, Química, Biologia e Matemática, com a finalidade de conhecer suas percepções sobre questões vocais relacionadas às práticas docentes. Este estudo permitiu evidenciar que o ato de falar sobre a voz leva os professores à auto-avaliação, sendo apresentados dados teóricos e depoimentos que indicam esse tema como um caminho possível para reflexões educacionais com os professores de Licenciaturas.

**Palavras chave:** voz; construção de conhecimento; interação; formação de professores

### Abstract

Many possibilities are associated with the use of voice by a teacher: compromising the structure of a classroom (when voice lacks or fails); modifying the form by which a teacher works (for example, by the use of intonations and pauses); showing Science and Technology relationships (including understanding his/her voice as a technology); and associating voice to teaching-learning processes (knowledge construction in pedagogic interactions). As part of a research for a Master degree, higher education teachers working with students taking degrees in Physics, Chemistry, Biology and Mathematics were interviewed, with the aim of knowing their perceptions about vocal questions related to their teaching practices. This study showed that the act of speaking about one's voice takes teachers to a deep self-evaluation. This paper presents theoretical discussions and testimonies that indicate this theme as possible way for educational reflections, with professionals that work with teachers' education.

**Key words:** voice; knowledge construction; interaction; teachers' education

### INTRODUÇÃO

Na formação de professores, em muitas circunstâncias buscamos novos caminhos para a mobilização destes quanto à formação de cidadãos mais críticos e reflexivos, engajados nas mais

variadas iniciativas de transformação social, conscientes de seu papel individual e coletivo e que façam escolhas e tomem decisões, participando ativamente do seu contexto sócio-histórico-cultural.

O professor é chamado a acompanhar, em velocidade real, todas as transformações da ciência e da tecnologia, não só na vida em sociedade, mas também pela sua responsabilidade no espaço de sala de aula. É inaceitável, diante da realidade vigente, mantermos a escola presa somente a espaços e tempos fechados num livro didático, em conteúdos curriculares ou nas atividades de repetição e memorização, monótonas, monofônicas e monocromáticas.

É preciso mudar a mentalidade e a postura, bem como rever concepções e conceitos da ação pedagógica. A mudança deve partir da formação inicial dos professores e estender-se para a formação permanente, ou no sentido inverso, propondo-se que a aprendizagem possa ser orientada pela ação-reflexão-ação.

Pensando nessas questões procurou-se escutar o que os professores têm a dizer quanto ao tema “voz”, percebendo-se que este pode ser um caminho viável para rever práticas docentes. A voz que envolve vários aspectos, como comunicação, interação, aprendizado e desenvolvimento, reflexão, construção de conhecimentos, aproveitamento e valorização da bagagem sócio-cultural-intelectual de cada sujeito e, ainda, uma possibilidade de auto-avaliação. Também envolve um equilíbrio do professor quanto ao saber dosar momentos de falar e de ouvir, abrindo esta possibilidade também aos alunos, oportunizando a socialização de saberes e troca de conhecimentos.

A voz oferece ao falante essa multiplicidade de sentidos e simultaneamente necessita de atenção, informação, orientação e percepção quanto à demanda vocal diária, ambiente de trabalho, intenção comunicativa, cuidados relativos a saúde vocal e tantos outros aspectos. A voz é um recurso imprescindível ao professor, o qual está, entre os profissionais da voz, com atividade de maior risco vocal. Pertence ao grupo daqueles que a consideram principalmente pela falta ou falha durante a atuação docente, enfatizando, mesmo que tardiamente, o ponto de vista da “doença” instalada (rouquidão), poucas vezes percebendo nela, uma de suas possíveis aliadas no processo ensino-aprendizagem, na perspectiva de um sujeito saudável.

O presente artigo visa apontar mais um caminho que possa mobilizar os profissionais envolvidos na e pela educação, não somente quanto à voz - esse instrumento de interação social/educacional/profissional a ser conhecido, valorizado, e também melhor explorado perpassando as práticas docentes, também nas Licenciaturas – mas, sobretudo na direção das conquistas educacionais almejadas.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Diante dos avanços científicos e tecnológicos, o professor dispõe hoje de muitos meios e recursos pedagógicos para atuação em sala de aula. Muitas vezes, preocupa-se em acompanhar a evolução técnico-científica buscando incluir em sua prática novas invenções e descobertas.

Se fôssemos comparar a voz aos demais recursos tecnológicos disponíveis, especialmente para a educação (quadro negro, vídeo, computador, retroprojeto) poderíamos perceber que quase sempre valorizamos e nos preocupamos em aprender a utilizar todas essas tecnologias. No entanto, caberia refletir: e a nossa voz ?

Ela está conosco desde que nascemos e o contato social constantemente vai ensinando como utilizá-la adequadamente, em especial pela aquisição de nossa língua materna, através da

fala. Poderia ser considerada também como uma tecnologia<sup>1</sup>, e entendendo-a como tal, poderíamos trabalhar por analogia: o que nós sabemos sobre seu funcionamento? Quais suas vantagens e desvantagens? Quais as formas de aperfeiçoar sua utilização? Como fazer sua manutenção? Como evitar problemas e complicações? Ela não vem de fábrica com um manual, como outros aparatos tecnológicos. Porém, há muitas informações a seu respeito, relevantes não só para a vida pessoal e social, mas também para a profissional, enfatizando-se novamente aqui o professor, no decorrer de seu trabalho com o conhecimento.

Na interação com seus alunos, o professor toma decisões, faz escolhas conscientes ou não, comunicando-se de maneira verbal e não-verbal. Contudo, como será que ele se percebe? Será que já se deu conta de que a voz é um recurso disponível diariamente, de baixo custo e com variação de uso?

A voz é parte de nossa vida. A menos que tenhamos problemas vocais, não custará praticamente nada. Podemos usá-la à vontade, teoricamente sem horário para “reservá-la” e depois “devolvê-la” como o fazemos, por exemplo, com o retroprojektor!

Não se pode negar que, de fato, os meios tecnológicos evoluíram com grande velocidade nos últimos anos, e o professor ainda não acompanhou sua evolução e utilização na educação. A escola está atrás dos conhecimentos do seu século, tendo que investir na formação dos professores, para capacitá-los e atualizá-los no acompanhamento dos avanços científicos e tecnológicos. (Souza, Bastos e Angotti, 1999). Isso é importante no sentido de recuperar as interações professor-aluno-conhecimento, o interesse, a motivação e o prazer em ensinar e aprender. Neste contexto, sem dúvida a voz oferece muitas contribuições:

Diante de um mundo repleto de estímulos e desafios que se alternam rapidamente, os conhecimentos tornam-se obsoletos rapidamente.[...]. Um conhecimento cuja função limita-se à sala de aula, em particular para a realização de provas, é serio candidato a ser descartado. [...] Não estabelecem como o conhecimento vínculos que extrapolem a escola e suas exigências. Enxergar o conhecimento [...] como meio eficaz de entender a realidade que nos cerca, garantiria vida pós-escolar ao mesmo, permitindo o estabelecimento de vínculos afetivos, que seriam duradouros. (PIETROCOLA, 2001, p. 18)

É imprescindível fazer da escola um local contextualizado, dinâmico e flexível, seja pelo uso de recursos didático-tecnológicos ou pela inclusão (nos currículos) de temas, discussões e investigações a respeito das tecnologias - seu avanços, benefícios e desvantagens no meio social. (Bizzo, 2000; Delizoicov, Angotti e Pernambuco, 2002)

E por que não falar da voz? Esta é, sem dúvida, uma pauta constante e diríamos até efervescente no meio fonoaudiológico<sup>2</sup> e seguramente no docente, consistindo por várias vezes uma rica fonte de pesquisas. A voz envolve aspectos anatômicos e fisiológicos, que atuam num conjunto harmônico, para garantir, em sons audíveis, a emissão de palavras.

Não há um órgão específico para produção vocal e essa função é resultado da superposição dos aparelhos respiratório e digestivo. A produção desse som é gerada nas pregas vocais (PPVV) - um par de músculos, situados no laringe, que em forma de V invertido, situados paralelamente ao solo. Ao respirarmos elas se mantêm afastadas e ao falarmos se aproximam

---

<sup>1</sup> Segundo FERREIRA (1993, p. 528), tecnologia é o “conjunto de conhecimentos, especialmente princípios científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade”. (FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Minidicionário da Língua Portuguesa. 3ª ed. Nova Fronteira, RJ: 1993)

<sup>2</sup> Tema que já foi abordado, por pesquisadores fonoaudiólogos, de diferentes formas: como proveniente de questões orgânicas ou doença, afetando profissionais com maior incidência de transtornos vocais (Cooper, 1974; Herrington-Hall e cols, 1988); como uma proposta de prevenção, tratando da saúde vocal (Pinto e Furk, 1988; Behlau, 1997; Pinho, 2002); como um fator relevante na relação de ensino-aprendizagem (Yura, Miranda e Margall, 1999) e presente nas interações do sujeito no meio social (Servilha, 2000; Chun, 2000; Dragone 2000 e Chieppe, 2004).

estreitando a passagem do ar que vem dos pulmões. Este som é muito baixo e passando pelos “alto-falantes” naturais (a própria laringe, faringe e cavidades oral e nasal) é então, articulado pelos órgãos fonoarticulatórios (língua, lábios, palato, dentes) conforme o que se quer falar. (Rolim, 2006; Behlau, 2005).

Além de consistir nesse mecanismo laríngeo, entre outras considerações, a voz é também uma construção social. Ela é, ao mesmo tempo, ponto de partida e resultado das nossas interações sociais, consistindo assim num dos elos entre professor, educando e conhecimento. Para Rego (1995) essas interações, no ambiente educacional, deveriam ser entendidas como condição para a construção do conhecimento, através do diálogo, da cooperação e da troca de informações mútuas, pelo confronto de opiniões divergentes, considerando as responsabilidades de cada um em seu papel social (de aluno ou de professor).

A relação dialógica entre professor e aluno (o outro ser social para o qual é dirigida a comunicação e que é normalmente negligenciado nos trabalhos da literatura sobre voz) acontece na sala de aula, local onde os atores constroem uma interação para, nela e por ela, possibilitarem a transmissão e construção de conhecimento, objetivos essenciais da instituição escolar. (Servilha, 2000)

De acordo com Penteadó (2002), só recentemente é que os espaços de interação verbal que professores e alunos constroem em sala de aula, bem como os aspectos culturais e sociais inerentes a eles, vem sendo enfatizados. Acrescenta que estão sendo propostas estratégias que dão voz e participação aos integrantes da comunidade escolar, de modo a favorecer a expressão de percepções, valores, sentimentos e representações acerca de suas condições de saúde e trabalho.

Cada vez mais são respeitados os sujeitos envolvidos nessas interações (tanto professores como alunos), por trazerem consigo um ritmo próprio de aprendizado, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, valores e contextos familiares, e que agem interativamente em seu processo de conhecimento, imprimindo na relação educacional sua visão de mundo, os conceitos já formados e o desejo de ampliar suas capacidades individuais.

Vislumbrando essa nova realidade para as pesquisas sobre a voz e o professor, concordamos com Dragone (2001) quando desafia a abordagem dessas discussões apontando a possibilidade de outras soluções para a relação voz-professor, na interface de áreas. As variações presentes nos recursos vocais utilizados podem aumentar ou diminuir a compreensão do conteúdo de uma determinada mensagem, causando no ouvinte impressões positivas ou negativas (Behlau e Pontes, 1992). Portanto, é urgente a tomada de consciência do que é natural (aspectos anatomo-fisiológicos), porém também social (aprendido no coletivo).

Atualmente não basta somente dominar o conteúdo do que se vai falar. Uma voz muito baixa pode transparecer insegurança; por outro lado, uma voz muito forte, rouca, áspera, emitida com pouca entonação, sem maleabilidade, pode resultar numa reação negativa para o ouvinte, com sua associação a padrões autoritários, severos e sem flexibilidade. Já uma voz produzida com adequada intensidade para o ambiente, que tenha uma ressonância agradável, envolvente, com entonação rica e marcante, pode produzir uma reação positiva, de aceitabilidade daquele falante, como alguém realmente envolvente, repleto de brechas de comunicabilidade e com uma carga afetiva positiva a ser distribuída. (Dragone, 2000).

As brechas de comunicabilidade, citadas pela autora, fomentarão a troca de turnos entre falante e ouvinte, de maneira construtiva e prazerosa, assim como a carga afetiva positiva distribuída pelo falante oferecerá aceitabilidade, segurança e maior envolvimento por parte do ouvinte, em relação à divisão de papéis e funções (entre ouvinte e falante) numa dada circunstância. Percebe-se assim, a relação entre voz, professor e conhecimento posta em movimento pelas interações.

Mas, e quanto aos professores: qual sua visão, opinião sobre essa relação, sobre a interação pedagógica? Num momento de escuta interativa (entrevista semi-estruturada), foi permitido aos eleitos para essa pesquisa um espaço para que pudessem pensar e perceber a presença da voz em seu fazer docente, ou mesmo para que dissessem que sequer pensaram sobre o assunto, independente de apresentarem problemas vocais, apenas refletindo sobre sua prática docente.

Esta postura de construção do conhecimento implica numa mudança de paradigma pedagógico, qual seja, ao invés de dar o raciocínio pronto, de fazer para/pelo aluno, o professor passa a ser mediador da relação educando -objeto do conhecimento – realidade, ajudando-o a construir a reflexão, pela organização de atividades, pela interação e problematização; os conceitos não devem ser dados prontos; podem ser construídos pelos alunos, propiciando que caminhem para a autonomia. (VASCONCELLOS, 1994, p.69).

Ensinar a pensar, levar a refletir, assumir postura crítica, problematizar e decidir, são alguns quesitos que devem integrar os objetivos do professor em sala de aula, quando nos referimos a esta nova postura profissional/educacional. Cabe ressaltar que uma mudança de paradigma nunca acontece repentinamente. É lenta, gradual, requer conhecimento profundo, reflexão e um “querer” interno, inerente ao professor que tiver como intenção a construção do conhecimento.

Villani, Pacca e Freitas (2000) apontam que a função do professor em relação ao aluno já têm passado por várias alterações : 1. *quanto aos conteúdos*, há uma preocupação em aproximá-los da realidade (dando significado concreto ao que o aluno aprende), bem como estudá-los a partir da História e Filosofia das Ciências; 2. *quanto às metodologias*, buscando alunos mais ativos no processo, influenciando a internalização de novos conceitos e teorias através de uma rede de conceitos previamente adquiridos pelo aprendiz; 3. *quanto às competências exigidas para o desenvolvimento profissional*, surge um novo paradigma: o do professor reflexivo e pesquisador de sua prática - aquele que reflete sobre sua ação e sobre seu próprio aprendizado, enfrentando a multiplicidade de desafios da sala de aula, avaliando suas estratégias de ensino e reelaborando-as quando necessário e oportuno.

Quanto a esse último item, cabem algumas considerações. Conforme Ghedin (2002), o professor deve despertar para um constante questionamento e autoquestionamento, como sendo um pressuposto para que haja essa reflexão sobre a prática, no trabalho com o conhecimento.

Fundar e fundamentar o saber docente na práxis (ação-reflexão-ação) é romper com o modelo “tecnista mecânico” da tradicional divisão do trabalho e impor um novo paradigma epistemológico capaz de emancipar e “autonomizar” não só o educador, mas, olhando-se a si e à própria autonomia, possibilitar a autêntica emancipação dos educandos, não sendo mais um agente formador de mão-de-obra para o mercado, mas o arquiteto da nova sociedade, livre e consciente de seu projeto político. (GHEDIN, 2002, p.135)

Em contrapartida a essa possibilidade de ação, infelizmente evidencia-se, conforme Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002, p.41) a constatação de que a formação de professores, na maioria dos casos, “[...] ainda está mais próxima dos anos 1970 do que de hoje”, indicando a necessidade real de mudança.

É nesse contexto que não só o Pedagogo, mas também os professores de Biologia, Química, Matemática, Física e de outras áreas, na medida em que desejam “convencer” o aluno a interessar-se e aprender os conhecimentos científicos pertinentes a cada disciplina, devem assumir novas posturas e objetivos frente ao processo ensino-aprendizagem.

No sentido dessas mudanças, enfatizamos aqui que, nos quesitos atenção, envolvimento afetivo, problematização e motivação (alguns dos itens importantes para o sucesso escolar), abordar aspectos sobre o uso da voz é relevante e pode oferecer contribuições importantes.

## O PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Pensando nas possibilidades existentes nessa relação, voz-professor-construção de conhecimentos, as idéias iniciais para essa pesquisa circularam a partir da percepção de que a voz do professor pode comprometer a estrutura da aula - quando a voz falha ou não é produzida em razão de problemas de saúde, por exemplo, vai comprometer o desenvolvimento habitual da aula a ser ministrada (impedir de dar aula); se o professor falar muito baixo ou muito alto, ou possuir uma alteração vocal, isso pode interferir na “comunicação” com seus ouvintes de maneira negativa; modificar o jeito de dar uma aula - ao tomar consciência sobre alguns dos papéis que a voz pode assumir no decorrer de sua aula, em relação aos seus ouvintes, o professor poderia rever sua prática vocal utilizando-a (ainda mais) a seu favor; evidenciar uma relação com a Ciência e Tecnologia - diante da gama de recursos científico - tecnológicos disponíveis nos meios educacionais, a voz é um recurso automatizado pela prática docente e pouco valorizado, considerando sua utilização plena durante uma aula dada; associar-se com as questões do processo ensino-aprendizagem - a produção vocal do professor durante as aulas, na interação com seus ouvintes, pode, de certa forma, favorecer ou mesmo prejudicar o processo de ensino-aprendizagem, passando por questões ligadas à afetividade, confiança, segurança, autoritarismo, atenção/dispersão, entre outras, perceptíveis na voz humana.

Assim sendo, a intenção deste estudo, aqui mostrado apenas como um recorte selecionado de toda a pesquisa, foi o de escutar<sup>3</sup>, para se conhecer a voz do ponto de vista de professores de Licenciatura das áreas de Física, Química, Biologia e Matemática da UFSC: suas percepções e a importância dada ao seu uso na prática docente, buscando enfatizar esse instrumento como mais um a ser explorado, apontando inclusive para sua contribuição na construção de conhecimentos. Foram realizados dois procedimentos: um questionário – escuta dirigida<sup>4</sup> (cujos dados não serão referidos neste artigo) e um momento de entrevista semi estruturada – escuta interativa, cujos depoimentos com gravação em áudio<sup>5</sup>, serão vistos e comentados em forma de excertos considerados relevantes.

Cada professor foi designado pela letra E (entrevistado) seguido da numeração de 1 a 4, respectivamente representantes das áreas de Física, Química, Biologia e Matemática, omitindo-se dados referentes a suas peculiaridades pessoais e profissionais.

Os registros em áudio seguiram três blocos de perguntas: histórias de vida, noção da natureza do conhecimento, e a voz como recurso didático e sua (s) função (ões) no processo ensino-aprendizagem. Neste artigo serão comentados aqueles excertos referentes, mais especificamente, às percepções dos entrevistados quanto ao uso da voz e sua relação com o processo ensino-aprendizagem.

## ALGUMAS PERCEPÇÕES RELEVANTES DO PROFESSOR SOBRE A VOZ

Ao serem questionados diretamente sobre a possibilidade de relacionar voz-professor-conhecimento, os entrevistados ofereceram elementos para confirmar a hipótese de que essa uma possibilidade é real, no sentido de direcionar gradativamente a atuação fonoaudiológica para as interações pedagógicas.

---

<sup>3</sup> É necessário distinguir que a expressão *escutar* a voz do professor, empregada nesta dissertação, não implica especificamente objetivos fonoaudiológicos de avaliação, tratamento ou diagnóstico, mas sim o sentido de escutar a opinião, a visão deste sobre o assunto em pauta, a voz.

<sup>4</sup> Os questionários foram considerados complementares no contexto da pesquisa principal (Nappi, 2006)

<sup>5</sup> Os registros em áudio foram transcritos e estão de posse dos autores, bem como os questionários.

Os trechos selecionados fornecem uma pequena amostra de que é viável e necessário para se estabelecer aproximações entre voz, professor e conhecimento, no sentido de buscar aperfeiçoar e aprimorar essas conexões, no contexto dos processos de ensino-aprendizagem, principalmente quanto ao êxito escolar.

E1, por exemplo, reconheceu dois pontos importantes: que uma voz fora da média leva desvantagem e que poderia, ele próprio, ter buscado outras informações sobre a voz, as quais, segundo ele, poderiam, eventualmente, ter modificado sua carreira.

“(…), mas eu vejo que quem tinha uma voz, uma fala muito fora do esperado para a média dos ouvintes, leva desvantagem.” [E1]

“(…) Se eu tivesse tido acesso a uma cartilha que fosse, no início da carreira, ou com está aqui no seu questionário, se eu tivesse me interessado e buscado nas bibliotecas, minha trajetória poderia ter sido outra”. [E1]

Importante enfatizar a referência do professor E1 quanto aos aspectos negativos de uma voz fora da média, pois para o ouvinte, isto pode gerar reações negativas como se dispersar, não conseguir se concentrar, sentir sonolência, ficar irritado, entre outros comportamentos, seguramente não desejáveis por parte do professor. O entrevistado ainda se referiu à necessidade de receber maiores informações e orientações especializadas e apontou para a possibilidade de mudança profissional, a partir disso.

Um outro aspecto relevante foi a percepção do professor sobre sua produção vocal, se ele gosta ou não dela (seu feedback auditivo), pois, às vezes, o professor nem se dá conta de que sua voz está interferindo negativamente na aprendizagem do aluno, desta forma não priorizando procurar, espontaneamente, ajuda técnico-especializada. Conforme Schwarz e Cielo (2005) a maioria dos professores não gosta de seu padrão vocal, referindo-se à própria voz com horrível, rouca, complicada e enjoada. Opondo-se a esta generalização, nossos entrevistados foram positivamente unânimes no quesito “gostar de sua voz”, ponderando sobre o questionamento e explicando o porquê de sua opinião, de maneira diferenciada. Por exemplo, E1 manifestou: “É a minha e não apresenta maiores defeitos” e E4: “É forte é grave. Só não gosto no microfone, fica estridente”. Coincidentemente, E1 e E4 gostam de sua voz atual, mesmo percebendo que esteja alterada, apresentando mudanças no seu padrão vocal, respectivamente em grau discreto (voz fica mais grossa e mais rouca) e em grau moderado sempre (mais rouca). Ambos associaram a alteração a algum fato específico.

Ainda quanto ao feedback auditivo que têm de sua própria voz, E1 e E4 a definiram como rouca e tensa, sendo que E1 ainda acrescentou a presença de sotaque regionalista. E2 caracterizou sua voz como tendo “um tom não muito grave e dicção razoavelmente boa”, enquanto que E3 afirmou nunca ter pensado sobre o assunto, avaliando-a como satisfatória em sua atuação profissional.

Mas a avaliação não deveria ser apenas do “dono da voz”. A palavra deveria ser passada ao aluno. Em muitas instituições, os professores são avaliados pelos alunos, que respondem, por exemplo, a um extenso questionário sobre o desempenho do docente naquele semestre. Este item, a voz do professor, deveria estar sempre incluído, no mínimo para reflexão e no máximo para a proposição de programas de saúde vocal para os professores. Algumas universidades<sup>6</sup> já incluíram o tema voz na programação da educação continuada, abordando-se o viés ligado às

---

<sup>6</sup> No Estado de Santa Catarina, é o caso, por exemplo, da UNIVALI e da Estácio de Sá – SC, onde já se incluem discussões sobre a voz. Cabe ressaltar que estas instituições já oferecem, no rol dos cursos de graduação, o de Fonoaudiologia.

questões de saúde/doença. Assim também o fazem algumas prefeituras<sup>7</sup>, que oferecem esse tipo de informação/formação para seus prestadores de serviço, inclusive solicitando exames admissionais.

Considerando a relevância da voz para as interações pedagógicas, E2 comentou ainda que há um conjunto de situações durante o desenvolvimento de uma aula, que a voz sem conhecimento não é viável e vice-versa, e entre esses quesitos o professor pode trabalhar para conciliar mais voz e conhecimento.

“Olha, eu acho assim, que quando há, que uma pessoa que sabe dar entonação certa, no momento certo, da voz, chamando atenção para pontos durante a aula dele, ele mostra uma segurança no conhecimento que ele tem sobre o assunto. Por que assim, a gente ouvindo alguém falar, você fala, aquela pessoa falou bem, mais você levou em conta um conjunto de situações, levou em conta lógico o conhecimento, ele não vai falar lá nada, por isso que eu falei pode ter uma voz de locutor que não convence. De repente só no bom dia e depois acabou, né. Então tem todo um comprometimento, mas eu acho que isso aí, não é porque o professor não tem esse dom, já ter isso de falar, ele pode trabalhar com isso, e preparar a aula dele em função de atingir isso, de fazer essa, conciliar a voz que é o instrumento, saber usar esse instrumento valioso que ele tem ali. Então se eu tenho a voz tudo no mesmo tom, esquece por que eu não vou nunca poder falar em público, por que não é só dar aula.” [E2]

“(…) mas se você quer ser um profissional, diferentes áreas, e quer ser um profissional, que passou do nível técnico, você tem que saber colocar suas idéias em algum momento, numa reunião, então tudo isso, se você vai numa reunião e fala num tom baixinho, só o conteúdo não basta.” [E2]

E2 também registrou que o professor não pode pensar só no espaço de sala de aula. Argumentou que haverá outros momentos em que ele deverá aperfeiçoar sua produção vocal, para alcançar êxito.

Entrando numa outra questão, E3 considerou a aproximação voz-professor-conhecimento pelas interações pedagógicas, em especial pelo diálogo entre professor e aluno, afirmando ser a voz um instrumento esquecido em muitas circunstâncias. Expressou preocupação em interagir com o conhecimento e de envolver o aluno nisto, usando-se a voz naturalmente, sem o devido valor.

“(…) é o modo como ele vai estar se relacionando com os alunos, interagindo com os alunos, interagindo com o conhecimento. Então, não só, não é uma coisa direta, professor-aluno, é um meio de estar tentando produzir realmente um diálogo em sala de aula com aluno-professor-conhecimento. Então eu acho que na formação do licenciando seria muito importante a gente ter pelo menos algumas discussões sobre o papel que voz representa nesse processo todo porque a gente ignora isso, a gente fala da importância de interagir com os alunos, interagir com o conhecimento, utilizar vários instrumentos para estar trabalhando isso em sala de aula, e não percebe que um dos principais instrumentos que é a voz do professor, a voz dos alunos também não é considerada nesse processo, a gente passa batido disso e... Nossa, seria muito importante! Eu acho que se muitos professores que eu tive tivessem pensado sobre isso, as aulas seriam muito mais interessantes.” [E3]

A voz contribui naturalmente, sem dúvida. Em muitos casos, porém, se houvesse uma maior consciência por parte do professor a respeito da possibilidade de aperfeiçoar suas funções vocais, haveria abertura para novas ações.

E3, ao falar, entusiasmou-se, processando as informações que lhe vinham à mente, e percebeu que também a voz do aluno é ponto para discussão, pois este também precisa ser ouvido, pois percebe as questões da voz do professor e suas implicações na aprendizagem. E nesse pensamento, ainda acrescentou que a interpretação do aluno, ouvinte do professor por

---

<sup>7</sup> No Estado de Santa Catarina, podemos referir especificamente o trabalho da Prefeitura de São José, que capacita, orienta e oferece atendimento quanto à voz, aos professores da rede municipal.

excelência, é importante para verificar-se o entendimento do mesmo sobre os conhecimentos trabalhados, avaliando sua aprendizagem. Isso é viável ao se oportunizar vez à voz do aluno na sala de aula, nas interações pedagógicas.

“(…). Além da questão da voz, também entra a questão da interpretação, como a pessoa está compreendendo esse conhecimento, compreendendo que é a relação dos alunos com isso, é toda uma rede de conhecimentos envolvidos nessa interação.” [E3]

Numa área correlata às interações, E4 associou a relação da tríade em questão com a comunicação, referindo-se àquela que ocorre na sala de aula, entre professor e aluno, numa relação, a princípio, de construção de conhecimentos.

“(…) eu acho que a relação principal é a história da comunicação, parte considerável do processo ensino-aprendizagem é a comunicação, eu até, depois de muito tempo, inclusive renegando isso, hoje eu já acho que transmitir conhecimento é a função principal da escola, da escola formal, transmitir, quer dizer, o carinho não vai precisar reinventar a roda todas às vezes, ele precisa, ele vai reconstruir o conhecimento dentro dele, ele não vai ter que passar pelos mesmos processos que a humanidade passou para construir aquele conhecimento, ele vai ter que passar pelo processo dele para ter acesso e às vezes é uma coisa só de assimilar uma informação, e às vezes não, freqüentemente não, mas de fato, comunicar, transmitir uma série de informações que ele vai juntar e aí o professor mediar essas informações e essas relações, para o cara conseguir construir conceitos que são mais complexos e tal, ele vai fazer isso, quase sempre usando a voz, é (?) na realidade sempre usando a voz, porque mesmo que tenha o computador, mesmo que tenha o quadro, e mesmo que tenha qualquer outra coisa, você fala junto, você explica junto. (...). Então eu acho que a gente tem, então, esses dois aspectos: primeiro você tem que saber o que você está usando, para motivar o educando, o aprendiz a querer aprender e a usar a sua conversa, sua discussão, dar sua postura para isso, e por outro lado, você tem que cuidar do seu instrumento de trabalho para poder continuar trabalhando, se você quiser continuar trabalhando, Mas em geral, a gente quer continuar fazendo aquilo.” [E4]

Ao encerrar sua manifestação, E4 fez ponderações sobre a necessidade de, enquanto professor, saber o que se está usando e cuidar do que se tem, valorizando esse instrumento para continuar trabalhando. Confirmou-se assim a necessidade de ter acesso a informações e orientações a respeito da voz, não somente pela relação saúde/doença, mas pelo viés da sua participação relevante no processo ensino-aprendizagem.

Quanto à voz ser um instrumento de trabalho do professor, ligado também ao processo educativo, todos os participantes concordaram, divergindo apenas por detalhes, na sua argumentação: E1 afirmou ser algo não questionado e E2 sugeriu que se acrescentasse esse recurso aos demais instrumentos de ensino. Já E3 enfatizou ser o principal deles, enquanto E4 reforçou ser a voz um dos muitos instrumentos viáveis.

“(…) a gente considera isso com um dado e não questiona o uso da voz. (...)”. [E1]

“(…) e agora, você coloca a voz como mais um instrumento, como eles trabalham com isso eles tem que listar e trabalhar na sala com os vários instrumentos de ensino e as estratégias de ensino também”. [E2]

“(…) não basta você ter uma voz de locutor de rádio que você... lógico que tem que ter toda a preparação da aula, a voz seria um dos instrumentos que você está colocando ali, (...)” [E2]

“(…) Mas a voz é principal instrumento do professor, é a comunicação que ele vai ter com o aluno o tempo inteiro. O professor está o tempo inteiro falando, usando esse instrumento em sala de aula, então é fundamental, é o principal de todos eles.” [E3]

“A minha concepção sobre a importância da voz na aula e tal, apesar de achar que é importante, que é fundamental, é o principal instrumento, é de senso comum. Eu nunca parei para pensar muito sobre isso.” [E3]

(...) porque não é só a voz, a voz é um dos instrumentos que a gente tem para trabalhar e usa mal (...)” [E4]

(...) se você tem um instrumento de trabalho você tem que usar ele, e o professor, a professora dá para dizer por que a maioria de nós somos mulheres, tem o que de instrumento de trabalho? O seu próprio corpo na verdade, e aí não só a voz, o corpo inteiro, porque a gente da aula com as mãos mais principalmente com a boca e com o que diz e sei lá eu, quadro e giz, computador, alguma outra coisa, livros, livro, livro e um pouco mais de livro se puder, mas a gente não tem muito, o instrumento de trabalho é a relação entre as pessoas e você se relaciona se comunicando, em geral a gente se comunica com a voz (...)” [E4]

Ao falar sobre o assunto, E3 comentou nunca ter parado para pensar sobre a voz em sua atuação, embora considere ser relevante. No mesmo sentido, E1 referiu-se ao não questionamento da voz como tal, pelo seu uso automatizado. E2 ainda ponderou, coerentemente, sobre a questão de que a voz, sozinha, não garante o sucesso profissional.

Entre todos os entrevistados, E4 foi a única a perceber a voz como um recurso importante entre os demais, pela experiência de já ter vivenciado sua voz falhar (ela apresenta problemas vocais). Foi a entrevistada que mais se aproximou da concepção de que, assim como o livro, o giz e o quadro negro, a voz também é um instrumento a serviço do ensino.

De modo geral, a escuta interativa alcançou o objetivo de se conhecer as percepções dos professores, inclusive superando as expectativas dos pesquisadores. Os participantes evidenciaram, com seus depoimentos, que falar sobre voz pode sim, como se previa para este trabalho, levar à auto-avaliação. Porém, não podemos afirmar que essa reflexão culminará em uma desejável modificação da ação. Percebemos, contudo, que a proposta e sugestão de Dragone (2001) quanto ao ouvir o professor, pela e sobre sua voz, longe dos consultórios, pode ser um caminho inovador e de êxito, quando houver uma continuação e acompanhamento orientador para se chegar às mudanças de postura. É necessário ‘falar sobre’, para que o tema venha ao consciente.

## CONCLUSÃO

É certo que, quando estamos na posição de ouvintes, damos preferência a certas habilidades comunicativas demonstradas pelo nosso interlocutor, dependendo do conteúdo de sua mensagem, da forma como utiliza as palavras, as pausas, às entonações, na medida em que põe vida naquilo que quer dizer, atrai (ou não) seus ouvintes.

É através de interações, sejam elas sociais ou essencialmente pedagógicas, que o conhecimento vai sendo “transmitido” e ao mesmo tempo construído, e nesse sentido mais significativamente pela presença da afetividade, da motivação e do prazer em ensinar/aprender que contagia. A voz é parte desse contexto por si só, como um instrumento “inato” que socialmente aprendemos a utilizar para expressar nossos pensamentos, aprendizados e sentimentos. Como instrumento de trabalho, quando reconhecido como tal, pode oferecer mais contribuições.

Também pela voz é possível cativar, convencer, chamar e/ou prender a atenção, motivar as pessoas, aos alunos, outros professores. Essas características e funções trazidas pela voz do professor, sobretudo, contribuem substancialmente para a formação de alunos-futuros

professores-cidadãos, mais críticos, reflexivos e comprometidos com as questões sociais, ambientais, sócio-histórico-culturais e educacionais.

Além disso, quando a socialização dos saberes é científica e emocional (Pietrocola, 2001), o aprendizado tem a chance de tornar-se significativo para o aluno, que mais facilmente se apropriará de novos conhecimentos.

É imprescindível referir que, possivelmente, o material coletado nas escutas, contenha mais conteúdos a serem explorados e discutidos, além daqueles que as análises feitas puderam captar nos depoimentos. Além disso, para cada leitor, tanto nossas inferências quanto aqueles excertos não comentados, ficam sujeitos às suas próprias interpretações.

De qualquer forma, consideramos que as análises aqui expostas poderão auxiliar para a percepção da intencionalidade de construção de conhecimento por parte do professor, pelos seus ajustes vocais, refletindo-se também no aluno. Dialogar sobre a voz possibilitou refletir sobre o papel da produção vocal no contexto do ensino, percebendo-se algumas de suas interferências (positivas e negativas) no processo-ensino-aprendizagem. Também permitiu situações de auto-avaliação para os professores, seja sobre ele próprio, sobre seus colegas de profissão ou mesmo sobre os futuros professores que se encontram sob sua responsabilidade, no período de formação.

Lembramos que, se queremos mudanças na educação, devemos assumir mudanças na formação dos futuros professores, que serão por sua vez co-responsáveis na formação de novos profissionais em geral, participantes diretos na vida em sociedade.

Não gostaríamos de deixar a impressão de que a voz é “salvadora” ou “milagrosa” para resolver problemas que perduram ao longo dos anos nas discussões educacionais. Queremos apenas enfatizar que a voz pode ser um novo ponto de partida para enriquecer e valorizar tanto os debates pedagógicos, como os aspectos do processo ensino-aprendizagem.

Os professores entrevistados foram unânimes em considerar inimaginável dar uma aula sem a voz. Também se constatou que todos possuem conhecimentos prévios e de senso comum, exemplos próximos, experiências pessoais e restrição nas informações sobre a potencialidade da voz nas questões de ensino-aprendizagem. Ainda ponderaram em relação à voz como um instrumento de ensino, e ofereceram contribuições significativas quanto às aproximações entre voz-professor-conhecimento e para a compreensão da voz através das interações pedagógicas.

Sugerimos, como desdobramentos de pesquisa, investigar e avaliar, na prática, se as conexões aqui sugeridas são reais na atuação docente em sala de aula. Isso seria possível através de observação e registro filmado da utilização vocal durante as aulas de professores previamente entrevistados, avaliando-se não somente o uso da voz, mas também considerando-a na perspectiva das interações, bem como buscando relações desta com a concepção de educação posta em movimento.

## REFERÊNCIAS

- BEHLAU, M. e PONTES, P. **Avaliação Global da Voz**. 2ª ed. EPPM, SP, 1992.
- BEHLAU, M. **A voz do especialista**. Revinter, Rio de Janeiro, 2005.
- BIZZO, N. **Ciências: fácil ou difícil?** Ática, São Paulo, 2000.
- CHIEPPE, D. C. **A Fonoaudiologia na Formação do Professor: Estudo sobre a Expressividade em Sala de Aula**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC) - SP, 2004, 104 p.
- CHUN, Regina Y. S. **A voz na interação verbal: como a interação transforma a voz**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estruturas da Linguagem. PUC-SP, 2000.
- DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. Cortez, SP, 2002

- DRAGONE, M<sup>a</sup>. L. O. S. **Voz do professor: interfaces e valor como instrumento de trabalho**. Dissertação de Mestrado em Educação Escolar. Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Araraquara, SP, 2000.
- \_\_\_\_\_. Novos caminhos para os estudos sobre a voz do professor. In: **Revista Fonoaudiologia Brasil – Conselho Federal de Fonoaudiologia**. v1, n1, p.43-50, set. 2001.
- DRESSI, R. C. F e SANTOS, T. M. O Ruído e sua interferência sobre estudantes em uma sala de aula: revisão de literatura. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri (SP). V. 17, n2, p. 251-258, maio-ago, 2005
- FREIRE, R. M. e BISTÃO, C. C. A Disfonia Funcional numa Abordagem Interacionista: descrição de um caso. In: FERREIRA, L.P (Org.) **Trabalhando a Voz**. Summus, São Paulo: 1988 ( 93-98).
- GHEDIN, E. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (orgs). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 2<sup>a</sup>ed. SP: Cortez, 2002.
- NAPPI, Janice W. R. **A voz e a construção do conhecimento – um encontro possível**. Dissertação de Mestrado em Educação Científica e Tecnológica. UFSC, Florianópolis, 2006.
- MEDRADO, Reny B. S. **Locução Publicitária: análise perceptivo-auditiva e acústica dos recursos vocais**. Dissertação de Mestrado em Fonoaudiologia. PUC-SP, 2002.
- PENTEADO, R.Z. Escolas Promotoras de Saúde: implicações para a ação fonoaudiológica. **Revista Fonoaudiologia Brasil – Conselho Federal de Fonoaudiologia** junho 2002, 28-36.
- PIETROCOLA, Mauricio (org.) **Ensino de Física: conteúdo, metodologia e epistemologia numa concepção integradora**. Editora da UFSC, SC, 2001.
- REGO, Teresa C. R. A origem da singularidade humana na visão dos educadores. In: ROGERSON, J. e DODD, G. Is There an Effect of Dysphonic Teacher' Voices on Children's Processing of Spoken Language? **Journal of Voice**, v.19, n<sup>o</sup>1, 2005, p.47-60.
- ROLIM, M<sup>a</sup> R. P. **Roteiro de auto-avaliação da comunicação para professores na videoconferência: expressão vocal**. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção. UFSC, Florianópolis, 2006.
- SCHWARZ, K. e CIELO, C. A. A Voz e as condições de trabalho de professores de cidades pequenas do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Fonoaudiologia – Conselho Federal de Fonoaudiologia**. 10 (2): 83-90, 2005.
- SERVILHA, Emilse Aparecida Merlin. **A voz do Professor: indicador para a compreensão da dialogia no processo ensino-aprendizagem**. Tese de Doutorado em Ciências (Psicologia). PUC – Campinas, 2000.
- \_\_\_\_\_. Estresse em Professores Universitários na Área de Fonoaudiologia. **Revista de Ciências Médicas**. PUC – Campinas. Centro de Ciências da Vida. Campinas, SP: v 14, n 1, jan/fev 2005.
- SIMÃO, A. L. F. e CHUN, R. Y. S. Do movimento a voz surge naturalmente. In: LACERDA, C. E PANHOCA, I. (orgs.) **Tempo de Fonoaudiologia**. Cabral Editora Universitária, SP: 1997 (61-83).
- SOUZA, C. A, BASTOS, F. P. e ANGOTTI, J. A. P. As mídias e suas possibilidades: desafios para o novo educador. **Atas eletrônicas do II ENPEC**. Valinhos, SP,1999.
- VASCONCELLOS, C. dos S. Construção do conhecimento em sala de aula. Libertad, SP: 1994
- \_\_\_\_\_. **Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação**. Libertad, SP. 1995.
- VILLANI, Alberto, PACCA, Jesuína e FREITAS, Denise. Formação de professores no Brasil: tarefa impossível? **Atas eletrônicas do VII EPEF – Encontro de Pesquisa em Ensino de Física**. Florianópolis, março 2000.